



Passeio Público: um olhar sobre o primeiro parque de Curitiba

Gabriel Eloi de MARCHI¹
Juliani FLYSSAK²
Máira NUNES³

Centro Universitário Internacional, Curitiba, PR

RESUMO

O Passeio Público é o primeiro parque de Curitiba. Neste aconteceram várias histórias curiosas, além de ser o primeiro projeto de saneamento básico da capital. Esse artigo tem como objetivo descobrir se a mídia impressa influenciou na decadência do parque, este que já foi considerado a praia da capital paranaense. Para descobrir isso, foi feita a análise de conteúdo de recortes de jornais dos anos de 1970, quando foi o auge do Passeio Público, e de 2002 há 2012, focando também nos dias de hoje e na sua decadência.

PALAVRAS-CHAVE: Passeio Público; Curitiba; análise de conteúdo.

O início do Passeio Público

A história do Passeio Público começou em 1858. Curitiba ainda tinha características de cidade do interior, havia apenas 15 mil habitantes e era tomada por chácaras, segundo Cassiana Lícia de Lacerda no livro “Passeio Público: Primeiro Parque Público de Curitiba” (LACERDA, 2001, p. 17). Na época, o que se tornou um parque, era um grande terreno que a população conhecia como Banhado Bittencourt. O Dr. José Cândido da Silva Muricy, fundador da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba e também capitão do exército brasileiro, enviou um alerta ao Presidente da Província, Alfredo d’Escragolle Taunay, dizendo que o pântano poderia ser um excelente local de procriação do mosquito da malária, podendo se tornar uma epidemia.

Somente em 2 de maio de 1886 o Passeio Público foi inaugurado, mas as obras só foram finalizadas em 3 de agosto do mesmo ano pelo sucessor a Presidente da Província Joaquim d’Almeida Faria. Pode-se afirmar que esse foi o primeiro parque de Curitiba e o único por mais de 70 anos.

Devido a quantidade de visitantes, o parque que tinha apenas 600 m² precisou ser ampliado. Para isso a Chácara Nhá Laura Borges (hoje essa chácara dá

¹ Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no ano de 2013, e-mail: gabriel.eloi.marchi@gmail.com.

² Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no ano de 2013, e-mail: juflyssak@gmail.com

³ Orientadora do artigo, e-mail maira.nunes@grupouninter.com.br



lugar ao Colégio Estadual do Paraná, separado do Passeio Público pela Rua Luíz Leão) foi desapropriada em 1887, o que segundo Cid Destefani causou grande incomodo.

“[...] a proprietária exigia, na época, o preço de seis contos de réis por aquela terra, enquanto o governo achava desmasiado, surgindo então um processo judicial volumoso e demorado, tendo finalmente pago o real valor levantado por avaliação.” (DESTEFANI, O Estado do Paraná, 1978)

Depois da virada do século, o parque viveu momentos de abandono por parte do governo, como o jornal *O Dezenove de Novembro* havia perguntando em uma reportagem: “haverão meios para a conservação desse útil logradouro público?”. Várias dívidas ficaram pendentes devido a construção do Passeio Público, porém a população continuou a frequentá-lo.

Vendo que o parque era bastante movimentado, Maria Aída decidiu que aquele seria seu palco em 1909. A balonista prometia que iria fazer exercícios ginástico e ainda iria voar em um balão. Mas esse seria um evento pago. Arquibancadas foram montadas e todos que queriam ver a aventureira de perto teriam que pagar um mil contos de réis. O jornal *Diário da Tarde* publicou uma nota um dia antes da apresentação:

“A aeronauta Maria Aída discípula e esposa do capitão Magalhães Costa, fará amanhã uma acessão, no bosque do Passeio Público, às três horas da tarde. D. Maria Aída subirá em seu balão Granada sem barquinha, apoiada a um trapézio, no qual executará exercícios ginásticos. As manobras para encher o balão são interessantes e começarão às duas horas da tarde. A entrada no passeio para assistência custa (sic) 1\$000.” (DIÁRIO DA TARDE, apud LACERDA, 2001, p. 95)

Muitos curitibanos pagaram e foram ver de perto o que Maria Aída iria fazer. Porém, ao contrário de todas as expectativas, a aventureira não conseguiu levantar voo. A população, indignada, gritava “larga tudo!” (LACERDA, 2001, p. 95). Quanto Maria, ela não desistiu. Remarcou o evento para o próximo domingo, mas também não foi bem sucedida. Somente no dia 21 de abril a balonista conseguiu cumprir o que havia prometido há semanas. Levantou voo, porém não foi muito longe. O balão seguiu em direção a Catedral, que fica em frente a Praça Tiradentes, há poucos metros do Passeio Público. Quando encostou na igreja, ela ficou presa no lanternim. Depois de socorrida, foi aplaudida pelo público.

Contudo o Passeio Público é pouco conhecido pelos voos frustrados de Maria Aída, mas sim pelos portais de acesso, obra feita em 1915. A construção,



inspirada em *art nouveau*⁴. foi projetada pelo arquiteto francês Joseph Antoine Bouvard. Uma curiosidade é a semelhança do portão do parque central de Curitiba e o portão do Cemitério de Cães de Paris (Cemitière des Chiens de Asnière-Sur-Seine). Bouvard trabalhou nas obras de Sena (França) por isso é atribuído a ele a construção desse portal na capital francesa. Os dois portais são muito parecidos e de acordo com Cassiana, o único elemento que os diferencia são as estátuas de cães ausentes no portal do parque em Curitiba. (LACERDA, 2001, p. 132).

Em 1932, os animais começaram a chegar no Passeio, transformando-o num pequeno zoológico, o primeiro da capital paranaense. Na época, surgiu uma superstição dos curitibanos que cisnes dariam azar, com isso, várias aves foram abandonadas ali. “Daí em diante vieram araras, papagaios, macacos e a fauna começou a crescer”. (OLIVEIRA, 1985) Em 1935, o primeiro parque infantil de Curitiba, construído pelo arquiteto Frederico Kirchgässner foi inaugurado, assim como o Restaurante do Estudante. Desta década também começou a canalização do rio Belém, que só foi finalizado quase trinta anos depois.

O coreto, que estava presente desde a inauguração do parque, teve o telhado totalmente reformado em 1941. No lugar, foi construído um teto plano. Aproveitando essa estrutura, foi inaugurado em 1999 o aquário com peixes ornamentais. O Pavilhão de Madeira, que servia como bar, foi totalmente transformado em restaurante que agora tinha o nome de Restaurante do Estudante. Devido a um incêndio em 1956, mudou para Recreio do Garoto, que quase trinta anos depois veio a ser o Bar Lá no Pasquale, que foi quando o local foi mais frequentado, principalmente por intelectuais. Nessa época o proprietário era João de Pasquale e, a partir 1998, passou a ser o Restaurante do Passeio. (LACERDA, 2001, p. 143-160).

Em 1960, o Passeio Público recebeu a maior revitalização já vista até então. Devido ao Plano Diretor⁵ da época, foi proibida a circulação de automóveis dentro do parque, a canalização, assim como a cimentação do Rio Belém, foram concluídas. O parque infantil foi remodelado e banheiros foram construídos. As trilhas do Passeio foram pavimentadas, o parque recebeu novas redes de iluminação, o restaurante foi reformado, assim como a Ilha da Ilusão, além da elaboração da Ilha dos Macacos.

⁴ *Art Nouveau*: do Francês “Arte Nova”. Tem como características principais os padrões decorativos “whiplash”, linhas dinâmicas, formas ondulantes, fluídas e sincopadas.

⁵ Plano Diretor é um projeto de urbanização. Nele, são incluídas obras para melhorar a qualidade de vida dos habitantes de uma cidade e até revitalizar determinadas áreas urbanas.



A década de 70 foi a última década do auge do logradouro. O Passeio Público era tomado por uma magia: a dos encontros. O parque era o ponto principal de reunião dos curitibanos nos finais de semana, como noticiava o jornal Gazeta do Povo noticiava:

Para centenas de curitibanos, e aí está incluída a maioria da nossa população situada na faixa etária abaixo de dez anos, a chegada do domingo, principalmente nas manhãs de sol, significa um dia de festa e confraternização no Passeio Público. Uma manhã no Passeio Público é uma tradição que se renova, sistemática e naturalmente, envolvendo gerações de curitibanos. (GAZETA DO POVO, 1974)

O Passeio Público teve seu auge até o surgimento de novos parques, o que ocorreu no de 1972, com a inauguração do parque Barigüi e o parque da Barreirinha. Deste ponto em diante o movimento começou a cair. Com a implementação desses parques próximos aos bairros, a população deixava de ir ao Centro de Curitiba para apreciar o Passeio.

Em 1974, o portal concebido por Antoine J. Bouvard foi tombado considerado Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Estado. (LACERDA, 2001, p. 137) Três anos depois, uma notícia indignou os curitibanos. Havia sido aprovado pela Câmara que fossem colocadas catracas no parque, cobrando um taxa de entrada, motivo que poderia ter desestimulado as pessoas a ir no Passeio Público. A população reivindicou e o ingresso ao Passeio Público continuou a ser gratuito.

No final dessa década, o programa social Animação da Cidade levava todos os domingos "bandas regionais, grupos de artistas, de samba, teatro infantil, espetáculos circenses. Aos sábados pela manhã, o *Bar Lá no Pasquale* era o ponto de encontro favorito dos políticos e intelectuais." (LACERDA, 2001, p. 145).

No ano de 1982, os animais de grande porte, como o leão, foram retirados do Passeio Público e levados para o Parque Iguazu, que se tornou o novo zoológico da capital, com espaço ampliado e maiores acomodações para a fauna que até então habitava o Passeio Público. Alguns animais, como macacos e aves, ainda residam no parque do Centro de Curitiba.

Em 1986, ano do centenário do parque, o palco flutuante não era mais utilizado. E, nesse mesmo ano, foi implantado um projeto visando a reutilização da estrutura, que se tornou um chafariz. Com a função de repuxo, ele recicla e oxigena a água do lago, melhorando sua transparência, que até então era prejudicada pelas algas ali existentes.



Em 1996 também foi o último ano do “Lá no Pasquale”. A família Pasquale deixava o Recreio do Garoto. Susan de Pasquale⁶, filha de Isaura, conta que o contrato deles era por tempo indeterminado e enquanto o Pasquale fizesse as reformas necessárias, eles não pagariam aluguel. O prefeito, Roberto Requião, afirmou a eles que a concessão sobre o restaurante teria terminado e os retirou de lá. Isaura ainda afirma que “agora o Passeio está morto e se eu pudesse pegar o restaurante novamente, eu iria correndo e cuidaria de lá.” (PASQUALE, 2013)

No ano de 1998, o Passeio Público é tombado pelo Estado como patrimônio histórico, por conta da importância de sua natureza local e também da arquitetura que o preenche.

O Passeio ainda é do público

Ainda não há registros em livros sobre o Passeio a partir de 2001. Esse começo de século a história do Passeio Público de Curitiba está somente na memória dos visitantes e nos jornais. No ano 2000 foi implantado o módulo policial próximo à entrada pela Rua Conselheiro Araújo.

Em 2002, uma notícia publicada pelo Estado do Paraná conta que há falta de segurança no parque. Com a reportagem intitulada “Pipoqueiros do Passeio Público pedem segurança”, Vegas entrevista comerciantes que trabalham no local e eles afirmam que tem medo de deixar seus equipamentos de trabalho no parque.

Dois anos depois, começaram várias tentativas de chamar atenção dos curitibanos para o parque. Os alunos do Colégio Estadual do Paraná tentaram atrair mais pessoas ao Passeio Público, porque, segundo a reportagem, há um “sentimento de abandono” no parque. (OLIVEIRA, Rosângela, 2004, p. 18) No mesmo ano, o programa Comunidade Participativa⁷ trouxe atividades para o Passeio como pintura infantil, dança, exames e entre outros, com o objetivo de “ampliar número de visitantes do espaço, que é um dos mais tradicionais da cidade” (O ESTADO DO PARANÁ, 2004, p. 20).

Em 2007, os moradores dos arredores do parque tentaram “recuperar a imagem do parque como espaço de lazer seguro” (RIBEIRO, Denise, 2007). Tentativa, que não trouxe resultado positivo. Em 2008, a Gazeta do Povo publicou uma

⁶ Entrevista não diretiva realizada no dia 14 de agosto de 2013.

⁷ A *Comunidade Participativa* junta a Prefeitura e a população com o objetivo de melhorar a qualidade de vida e a popagar a cultura para os habitantes da cidade.



reportagem intitulada “Mancha no cartão-postal”, referindo-se aos usuários de drogas, prostitutas e a sujeira no lago. A mesma crítica persistiu até 2012, quando outra notícia publicada pelo mesmo jornal intitulada de “Sexo e drogas mancham o Passeio Público”. Nela, André Simões afirma que quando os portões se fecham a situação piora e o lugar se transforma num ponto de prostituição e venda de drogas. O jornalista ainda destaca que mesmo com a Guarda Municipal ao lado de fora do parque, os marginais não ficam inibidos e continuam frequentando o local.

Mas a importância histórica do espaço destoava de sua realidade: hoje, o parque é ponto de tolerância para prostituição e consumo de drogas, principalmente no período do começo da noite até o fechamento dos portões, às 20 horas. A presença de um módulo policial, dentro do Passeio desde 1997, e a sede da Guarda Municipal logo ali, do lado de fora das grades do parque, não inibem essas atividades. (SIMÕES, André, 2012, p. 9)

No começo do ano de 2013 iniciou um projeto de reocupação do Passeio Público através das redes sociais com o grupo “O Passeio Público é Nosso!” criado no Facebook pelo ator e diretor de teatro, Enéas Lour, o colunista Dante Mendonça e Luiz Roberto Bruel, com intuito de motivar a população curitibana a ocupar o seu espaço de lazer central. Segundo Mendonça, o real objetivo é “a reocupação do Passeio não no sentido de mudar o povo, [...] mas sim chamar a atenção para que ele fosse revitalizado, (porque o local) não pode mais viver como se fosse uma gaiola de animais”. Para isso, movimento realiza eventos no parque, como a “Vinada Cultural”⁸ e a “Regata de Pedalinhos”. Além disso, sugere que seja criado dentro do parque livrarias, confeitarias e bistrôs. Esse projeto continuou em andamento até o término desse trabalho. A Gazeta do Povo aderiu ao projeto e criou um editorial em seu jornal com o título “ocupe o Passeio Público”.

ANÁLISE DE CONTEÚDO E DOCUMENTAL

Para dar sequência ao objetivo da pesquisa foram selecionadas reportagens de jornais⁹ das décadas de 1970 e de 2002 até 2012. Porém, é preciso considerar que algumas notícias estão em má conservação, partes ilegíveis, principalmente as reportagens coletadas do início dos anos de 1970.

⁸ Evento realizado no dia 28 de Abril de 2013, onde os mais variados cachorros-quentes eram vendidos e também foi realizado a corrida de pedalinhos.

⁹ Os jornais pesquisados foram: Correio de Notícia, Diário do Paraná, Diário Popular, Folha de Londrina, Gazeta do Povo, Hora H, Indústria e Comércio, Jornal do Estado e O Estado do Paraná.



A análise de conteúdo é um “método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa” (FONSECA JR, 2005, p. 280). Aqui, a metodologia escolhida para a análise é a contagem de palavras por meio de categorias e, dentro disso, os sinônimos possíveis. No entanto o método se baseia nas ciências exatas, considerada uma herança do positivismo, doutrina criada por Augusto Comte (KIENTZ apud FONSECA JR., 2010, p. 281).

As palavras nos fornecem vários significados, alguns sinônimos remetem ao leitor situações ou referências de significados negativos ou positivos. Como exemplos temos as palavras “perigoso” e “bonito” que serão expostas como categorias de análise. Ao todo são 12 categorias elencadas: eventos, perigoso, limpo, sujo, revitalização, abandono, lazer, violência, prostitutas, tradição, bonito e meio ambiente. A partir dessas palavras chaves, foram considerados alguns sinônimos conforme mostra a tabela 1.

TABELA 1:

Eventos	festa, atração, aniversário, cerimônia, confraternização, reunião.
Perigoso	roubo, insegurança, prejuízo, desocupados, medo.
Limpo	Saneamento, limpeza, canalização, higiene, ar puro.
Sujo	Banhado, imundo, problema, charco, ar poluído, poluição.
Revitalização	obras, resgate, transformação, instalação, reforma, remodelação, construção, modificação, manutenção, conservação, recuperação, conscientização, mudança, imagem, restauração.
Abandono	destruição, vândalos, danificado, degradação, largado.
Lazer	diversão, atividades culturais.
Violência	polícia, marginais, ladrões, traficantes, viaturas, guarda municipal.
Bonito	belíssimo, agradável, amor, agradável, romântico, admiradores, lindíssimo, lindo, belo, embelezar, serenidade, encantado, maravilhoso.
Meio ambiente	área verde, terreno, Rio Belém, terra, verde, preservação, árvore, natureza, vegetação, pulmão verde, ecologia, natural, floresta.
Prostitutas	travestis, mulher da vida, prostituição.

As palavras foram contadas usando o método de Round Robin sugerido por Kientz. Esse mecanismo consiste em duas ou mais pessoas somando a quantidade de vezes que a palavra aparece nas reportagens. (KIENTZ, 1973, p.156) Nesse caso em particular,



cada um dos autores deste trabalho fez a contagem para confirmar a mesma quantidade de vocábulos.

ESTUDO SOBRE A IMAGEM DO PASSEIO PÚBLICO

Com a contagem das palavras e seus sinônimos foi chegado a seguinte tabela:

TABELA 2:

	1970 - 1980	2002 - 2012
Eventos	46	35
Limpo	26	23
Revitalização	139	122
Lazer	17	22
Bonito	19	11
Meio Ambiente	64	35
Perigoso	6	71
Sujo	13	17
Abandono	8	8
Violência	0	56
Prostituição	0	17

Com base nos números, percebemos uma grande diferença entre a primeira e a segunda colunas na categoria “violência”. Na década de 1970 temos a ausência total dessa palavra e dos seus sinônimos. Neste mesmo caso, temos “prostituição”, que só aparece nos últimos anos de reportagens analisadas. Mesmo sem avançar profundamente nesses dados é possível entender que o leitor terá uma impressão ruim sobre o lugar. Por mais que os crimes registrados no Passeio Público não alcancem a mesma proporção de outros pontos conhecidos da cidade como a Rua XV de Novembro, por exemplo, o fato das palavras estarem focadas em um local específico potencializa seus significados. O mesmo pode acontecer se a análise fosse feita sobre a rua acima mencionada. Certamente o aparecimento frequente das mesmas palavras, em várias reportagens, poderia macular a imagem do logradouro.



Algumas categorias pouco mudaram. “Abandono”, por exemplo, aparece oito vezes em cada uma das colunas. Assim como “limpeza”, que tem 25 e 23 ocorrências, respectivamente. Já a categoria "sujo" teve 76% mais ocorrências. A última década (2002 a 2012) temos 36 reportagens e nos anos 1970 temos 25, esse número praticamente não muda. Com "eventos" acontece algo bem parecido. Se for colocado em número, temos 131% de aumento. A diferença é de 11 palavras, mas se fomos comparar por reportagens, na primeira década analisada, essa categoria aparece em 15 reportagens de 26. Em 2002 até 2012, essas palavras são localizadas em 13 de 36 textos jornalísticos encontrados no total. Ou seja, isso pode significar que o parque deixou de ter alguns eventos, por isso o público possivelmente parou de frequentá-lo.

A categoria “violência” a mais notável da tabela. Nela há uma grande diferença de entre os períodos estudados. Nessa categoria existe um grupo de palavras que coincidem com a categoria “perigoso”. Por isso a opção foi analisar e estudá-las juntas.

TABELA 3: Violência

	1970 - 1979	2002 - 2012
Violência	1	0
Polícia	0	32
Assalto	0	1
Marginais	0	1
Ladrões	0	1
Traficantes	0	3
Viaturas	0	1
Drogas	0	13
Guarda Municipal	0	4
TOTAL	1	56

TABELA 4: Perigoso

	1970 - 1979	2002 - 2012
Perigoso	6	3
Roubo	0	8
Insegurança	0	1
Prejuízo	0	2
Desocupados	0	1



Medo	0	2
TOTAL	6	17

Esses números podem ter aumentado pois a quantidade de policiais civis em Curitiba, segundo a Gazeta do Povo, é de 2.424, sendo que a capital paranaense tem cerca de 1.848.946, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2013. Isso significa que “pressionados pelo descompasso entre a ocorrência de centenas de assassinatos por ano e as condições de trabalho, os próprios policiais afirmam em documentos oficiais que é “humanamente impossível” dar conta de todo o serviço” (FÉLIX, et al., 2013).

Nos anos 2000, é um tanto quanto curioso os títulos da primeira e da última matéria, "abandonadas, as tartarugas lotam o Passeio Público" e "Sexo e drogas mancham o Passeio Público". A diferença ainda fica maior quando comparamos com o título da reportagem inicial da década de 1970, "Hoje, os 85 anos de Passeio Público" e a última, “Missa só para bichos”. Enquanto no século anterior comemorava-se o aniversário do parque, no atual apenas restou o relato de situações que explicitam o abandono estrutural do parque e a falta de segurança que fragiliza o parque e consequentemente a cidade. Diante dos destaques dados em 2012 pelo jornal Gazeta do Povo, o leitor provavelmente evitaria frequentar o espaço. Reação parecida teria com a reportagem publicada em 2002 pelo Jornal do Estado. Se as tartarugas estão abandonadas o parque todo possivelmente está abandonado. A última reportagem, “Sexo e drogas mancham o Passeio Público”, ainda passa uma pior impressão do lugar. Nela, aparecem 25 palavras que remetem a insegurança, 22 delas são Polícia Militar (PM), Guarda Municipal e drogas. A população não se sente atraída por um local onde há drogas, palavra que aparece 13 vezes na década de 2002 a 2012, principalmente nos últimos anos. Nos anos de 1970, não apareceu nenhuma menção a essa categoria. Se somarmos as duas categorias, “perigoso” e “violência”, temos sete ocorrências na primeira década analisada. Já nos últimos anos pesquisados, teremos 76, uma diferença significativa.

“Revitalização” é outra categoria analisada. Primeiramente, ela aparece em 76% das reportagens, por vezes alertando para a necessidade de melhorias, em outras relatando que algo foi feito para aprimorar a estrutura do lugar. Nos anos pesquisados do século XXI, a palavra aparece em 66% dos textos. Na busca de reportagens sobre o Passeio Público foi possível perceber que ao mesmo tempo em que a cidade ganhava



outros parques e grandes centros de compras (shopping), o interesse dos jornais pelo Passeio diminuía. Eventos em outros logradouros passaram a ter mais destaque.

Ao juntar as categorias “lazer” e “bonito”, percebemos que há 36 ocorrências quando era o auge do no período de 1970. As palavras dessas categorias aparecem 55% das reportagens. Fazendo uma comparação com a década de 2002 até 2012, temos uma diminuição de 22%. O que pode representar a decaída do logradouro, que antes era visto como local de lazer e hoje, como nos mostra a tabela 1, virou possivelmente um lugar perigoso, que foi uma categoria pesquisada. Essa, apresentou um aumento drástico da década de 1970 para a de 2002. De 6% saltou para 71% em 2012. O que pode indicar que o curitibano fica amedrontado frequentar o parque.

Outra categoria explorada é “meio ambiente”. Enquanto na primeira década estudada o termo aparece 64 vezes, em 19 reportagens, nos anos analisados do século XXI, temos 35 termos relacionados em 14 textos jornalísticos. É necessário aqui levar em consideração o número de reportagens de cada década. Ou seja, enquanto nos anos estudados do século XX a categoria aparece em 76% das reportagens, nos últimos dez anos analisados "meio ambiente" está em apenas 38% dos textos jornalísticos. O Passeio Público deixou de ser visto pelos profissionais da comunicação como um lugar onde existe elementos da natureza, pois outros fatos são mais relevantes no agendamento de pautas.

Outro fato importante é que nos últimos anos analisados tivemos a existência de mais reportagens sobre o Passeio Público nos jornais. Houve um aumento de 69%. Considerando apenas os títulos, as reportagens positivas também aumentaram. Na década de 1970, apareceram 22 e de 2002 até 2012 há 27 textos jornalísticos com nomes favoráveis para o parque, o que nos leva a pensar se realmente o parque foi esquecido. O que possivelmente aconteceu é que com surgimento de vários logradouros, as pessoas tendem a ir nos lugares que são mais perto da residência onde moram e também em parques que atualmente são mais famosos, como o Parque Tanguá e o Barigüi. Uma curiosidade a ser discutida é que nem mesmo o Ônibus Turismo apenas passa na frente do Passeio Público, não estaciona para que os viajantes possam descer e conhecer o lugar.

A última categoria a ser analisada é “prostituição”. Quando João de Pasquale era proprietário do restaurante, já havia prostituição no parque. Em entrevista aos autores deste trabalho, Isaura de Pasquale, viúva de João, afirmou que o marido não gostava da presença das “moças”. “Essas mulheres (prostitutas) não podiam entrar lá. Se



elas tentassem entrar o Pasquale pegava pelo cangote e levava até a ponte, brigava e tocava elas (sic).” (PASQUALE, 2013).

Essa categoria remete a uma curiosidade. Os recortes de jornais pesquisados da década de 1970 não mencionaram a presença das prostitutas no Passeio Público. Provavelmente, porque nessa época ainda se mantinham alguns costumes de evitar assuntos considerados delicados como falar abertamente sobre sexo e sexualidade. Ignorar a presença delas é uma forma de negar uma realidade, ou de simplesmente manter o profano na obscuridade.

Além disso, outras tradições ainda são mantidas nos anos 70. Os homens procuravam as prostitutas para iniciar a vida sexual, já que as suas futuras esposas tinham que casar virgens. Ramos Filho e Nicoladeli confirmam essa hipótese na monografia “A Prostituição no Brasil: trabalho, silêncio e marginalização”.

A importância social da prostituição no Brasil é registrada por Carla Bassanezi, que, ao discorrer sobre a condição feminina nos anos 1950, demonstra a aceitação da prática da prostituição com a finalidade de iniciação e satisfação sexual dos jovens rapazes, preservando-se a virgindade das moças de família até o casamento. A noção de prostituição como mal necessário surgiu na segunda metade do séc. XIX, e os criminólogos da época defendiam a impossibilidade da criminalização da prática devido à sua contribuição com a moral nos lares (NICOLADELI; RAMOS FILHO, 2011. p. 14)

Já a partir de 2002 até 2012, existe 17 menções ao assunto nos recorte pesquisados. Nesse período alguns tabus já haviam sido derrubados. Como afirma Benatti na monografia intitulada “O Centro e as Margens: Boemia e prostituição na ‘capital mundial do café’”, a mídia cria o “‘clima de opinião’ que os aparelhos da mídia sabem explorar tão bem, e que torna legítimo, para amplos setores da sociedade, a violência e a repressão constante que se abatem sobre os marginais” (BENATTI, 1986, p.184) Outro ponto a ser esclarecido é que a prostituição foi considerada profissão em 2002, ano que coincidentemente é o ponto de início da análise do século XXI.

Não se poderia falar do enquadramento da prostituição como profissão sem citar a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), que no ano de 2002 incluiu a ocupação de profissional do sexo, sob o Código 5198, como resultado das articulações dos citados movimentos políticos organizados que lutam pelo reconhecimento dos direitos dos citados movimentos políticos organizados que lutam pelo reconhecimento dos direitos dos trabalhadores sexuais (RISSIO, 2011, p.24)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa, nota-se que nos anos de 1970, temos 24 reportagem e 21 delas tem títulos favoráveis ao parque. No entanto, de 2002 a 2012, de 35 textos jornalísticos,



28 têm títulos favoráveis ao Passeio Público. Ou seja, apesar de anteriormente o logradouro ter tido mais publicações favoráveis, nos últimos anos esse número aumentou, somente sete reportagens foram intituladas de maneira negativa para o Passeio Público. Com isso, o principal motivo que o parque passou a ser menos frequentado, não é a influência dos jornais impressos, mas, provavelmente, porque as próprias pessoas não encontram atrações, ou motivos, para frequentá-lo. Assim, o objetivo da pesquisa foi atingido.

A pesquisa mostra que o Passeio Público é um lugar importante para Curitiba, tendo a sua importância histórica e até mesmo ambiental. Com o trabalho, esperamos ter mostrado que esse parque não é apenas feito de árvores, mas sim de histórias que merecem ser ouvidas e lembradas, apesar de todos os defeitos que o Passeio Público tem.

REFERÊNCIAS

- BENATTI, A. P. O centro e as margens: boêmia e prostituição na "capital mundial do café". 1996. 241 f. Dissertação (Mestre em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24598/D%20-%20BENATTI,%20ANTONIO%20PAULO.pdf?sequence=1>> Acesso em: 9 de outubro de 2013.
- FÉLIX, R.; GALINDO, R. W.; LOPES, J. M.; Walter, B. M. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 05/08/2013, Crime Sem Castigo. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/crime-sem-castigo/conteudo.phtml?id=1396676>> Acesso em: 7 de novembro de 2013. P. 10
- FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- LACERDA, C. L. de. **Passeio Público: Primeiro Parque Público de Curitiba**. Volume 28. Curitiba: Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 2001.
- Hoje, os 85 anos de Passeio Público. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 02 de mai. de 1971.
- OLIVEIRA, D. I. Passeio Público do chique ao popular. *Jornal do Estado*, 30 de outubro se 1985, Espaço dois, p.1
- OLIVEIRA, R. Alunos lutam pelo Passeio Público. *O Estado do Paraná*, 08 de maio de 2004, p. 18.
- Missa só para bichos. *Correio Paranaense*, Curitiba, 16 de out. de 1979.



RAZZAK, S. Abandonadas, as tartarugas lotam o Passeio Público. *Gazeta do Povo*, Curitiba, p. 7. 19/02/2002

PASQUALE, Isaura. Como era o Passeio Público. Curitiba, Uninter, 14 de agosto de 2013. Entrevista realizada com o intuito de saber como o parque era nos anos de 1970.

Parques e Praças de Curitiba. Disponível em:

<<http://www.parquesepracasdecuitiba.com.br/destaques/portao-do-passeio-publico.html>> Acesso em: 17 de julho de 2013

Passeio Público reergue o velho e tradicional portão. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 20 de ago. de 1974.

RISSIO, I. P. S. **A prostituição no Brasil: trabalho, silêncio e marginalização**. 2011. 56 f. Monografia (Bacharel em Direito), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

SIMÕES, A. Sexo e drogas mancham o Passeio Público. *Gazeta do Povo*, Curitiba, p. 9. 30/09/2012

VEGAS, Cintia. Pipoqueiros do Passeio Público pedem segurança. *O Estado do Paraná*, 17 de abril de 2002, Cidades, p. 13.